

**MEMÓRIA ESCRITA DE PROFESSORES INTELLECTUAIS EM VITÓRIA DA CONQUISTA-BA
ENTRE OS IDOS DE 1910-1945¹**

Writing memory of intellectual teachers in Vitória da Conquista-BA during the years from 1910 to 1945

Daniela Moura Rocha de Souza²
Lívia Diana Rocha Magalhães³

RESUMO

A pesquisa que desenvolvemos teve como objetivo central analisar a memória escrita de professores de primeiras letras, no papel de intelectuais, que, durante a Primeira e/ou Segunda República, ganharam evidência pública, por meio de suas atuações na imprensa local, nas agremiações culturais e na política. São os interlocutores do republicanismo que se instalava a partir do lugar de professor como intelectual. Analisamos notícias de jornais, trechos de poesias, de bibliografias locais, diversos registros escritos oficiais e nos deparamos com o processo de interação que um grupo de professores intelectuais estabeleceu com o contexto republicano, a partir das oportunidades oferecidas pelo seu “status” de professores de primeiras letras. Revisitamos a categoria de professor intelectual e tomamos a memória histórica como conceito fundamental, na sua versão de memória histórica documental, ou simplesmente memória escrita como registro de experiências comuns, de trajetórias individuais ou de um grupo em um dado momento histórico. Consideramos que as primeiras décadas da República propiciaram que professores de pequenas salas de aula adentrassem em espaços como jornais, escrevessem poesias, ocupassem cargos públicos e depois se tornassem reverenciados em revistas, poesias, discursos, autobiografias, se tornando referências de uma memória coletiva (ou de grupo, no caso de professores intelectuais), que passam a fazer parte de uma memória social local.

PALAVRAS-CHAVE: Professores Intelectuais; Republicanismo; Memória; Vitória da Conquista

ABSTRACT

The research that we have developed aims at examining the memorabilia from the teachers of first letters, in the role of intellectuals, who, during the First and / or the Second Republic, gained public evidence through his performances in the local press, associations in culture and politics. They are the interlocutors of republicanism that was installed from the place of teacher as intellectual. We analyze news stories, snippets of poems, bibliographies sites, several official written records and we faced with the process of interaction that a group of teachers intellectuals established with the Republican context, from the opportunities afforded by its status of first letters teachers. We revisited the category of intellectual teacher and took the historical memory as a fundamental concept in its version of historical documental memory, or simply written memory as a record of common experiences, individual or group trajectories in a given historical moment.

¹ Artigo extraído com base na nossa dissertação de mestrado, defendida em dezembro de 2009, intitulada: Memória de professores intelectuais como interlocutores do republicanismo em Vitória da Conquista-Ba entre os anos de 1910 até 1945. Sob a orientação da Profa. Dra. Lívia Diana Rocha Magalhães, que muito colaborou com o trabalho.

² Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: danyopera@yahoo.com.br

³ Pós-Doutora em Psicologia Social (UER). Doutora em Educação (UNICAMP). Professora Titular da UESB. Coordenadora Geral do Museu Pedagógico da UESB, Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB. E-mail: lrochamagalhaes@gmail.com

We believe that the first decades of Republic prompted the teachers of small classrooms walk into places like newspapers, write poetry, occupied public office and later became revered in magazines, poems, speeches, autobiographies, come into being references to a collective memory (or group, in case of teachers intellectuals) who become part of a local social memory.

KEYWORDS: Intellectual Teachers; Republicanism; Memory; Vitória da Conquista

O interesse em pesquisar quem foram os professores intelectuais conquistenses que, durante a constituição da República, foram se tornando seus interlocutores e formando uma memória coletiva de professor na cidade, surgiu, a partir dos estudos realizados em dois grupos de pesquisa do Museu Pedagógico-UESB⁴, que desde o período de 2006, ainda na graduação, fazemos parte.

A partir de então, fomos verificando por meio das leituras teóricas e do cotejamento de fontes que, na Primeira e Segunda República, alguns professores de primeiras letras ou primário ganharam evidência pública nos espaços que ocuparam: na imprensa, na política, nas agremiações culturais e na educação em Vitória da Conquista (BA), conforme constatamos por meio dos registros em jornais locais dos períodos correspondentes a 1911 até 1945, bem como em Livros de Atas do Conselho Municipal (1910-1936), Biografias, Revista da Ala das Letras, (1975) e Registros diversos, encontrados em arquivos público e particular, no município de Vitória da Conquista.

Para a realização desse estudo, tomamos a memória histórica como conceito fundamental, na sua versão de memória histórica documental, ou simplesmente memória escrita. Memória escrita registro de experiências, de trajetórias individuais e de grupo, que servem para dotar de sentido, experiências comuns ou coletivas, pessoais, de grupos sociais, memórias comuns e geracionais, mas que também apreende aquele momento histórico, no caso, apreensão de experiências vividas, apreendidas e compartilhadas por professores que exerceram funções intelectuais. Adotamos fundamentalmente os estudos de Aróstegui (2004), Magalhães (2007) e SÁ (2007a), para discutir as instâncias da memória - comuns, geracionais, escritas - sobre os professores que pesquisamos nas fontes que utilizamos.

Tanto naqueles tempos como ainda recentemente, esses professores são referenciados socialmente. Quando falamos em professor intelectual, utilizamos fontes jornalísticas como assinalamos acima e também Atas da Câmara de Vereadores (1910/1937), Livros de Registro de Leis e Resoluções do Conselho Municipal (1893), Livro de Registros de ofícios da Intendência Municipal (1897), Livros de Atas do Conselho Municipal (1926-1930), jornais locais (1911 até 1945). E ainda escritos que referenciam alguns nomes de professores, em

⁴ Desde 2006, participamos dos grupos: Fundamentos da Educação, coordenado pela Profa. Dra. Ana Palmira B. S. Casimiro e Memória e História das Reformas Educacionais e Trajetórias Geracionais, coordenado pela Profa. Dra. Livia Diana Rocha Magalhães, ambos do Museu Pedagógico. O interesse pela temática dos sujeitos da educação, mais precisamente os professores na primeira República, surgiu após termos assistido uma videoconferência ministrada pela Prof^a Livia Diana R. Magalhães no Histedbr, em 2005, como também a apresentação do seu grupo temático de pesquisa no V Colóquio do Museu Pedagógico, também em dezembro de 2005, despertando-nos o interesse de ingressar em seu grupo de pesquisa, como também, de desenvolver uma pesquisa dentro dessa temática, escolhendo a categoria do professor intelectual e delineando os caminhos do projeto, em consonância também com a participação no grupo Fundamentos da Educação; que dentre os variados objetivos de pesquisa, estava a localização e mapeamento de escolas extintas, bem como de seus sujeitos e materiais, das origens da cidade de Vitória da Conquista, até a década de 1960.

revistas da Ala das Letras de Conquista, e da Bahia, bem como em biografias, produções literárias e acadêmicas, locais, obras de memorialistas, etc, enfim, registros escritos que situam a memória desses professores.

À medida que fomos recolhendo e analisando as fontes, observamos que, durante a Primeira e Segunda República (especificadamente entre 1910-1945), encontramos importantes registros escritos sobre a memória, de certa forma, bastante rica sobre professores que exerceram importantes papéis (como intelectuais), considerando que, naqueles momentos, não tínhamos uma sociedade com o nível básico da escolaridade expandido. Nesse sentido, há também registros sobre a importância da educação e a defesa pela instalação de escolas, etc. São muitos os destaques para as figuras de professores como ilustres intelectuais dotados de sapiência social que se destacavam na poesia, na música, no jornalismo e na política. Ainda hoje, os registros sobre esses nomes de professores se tornaram referências fundamentais para a história da cidade, de forma clara ou não, quando aparecem em nomes de ruas, escolas, centros culturais, assim como livros escritos, que dedicaram seus estudos a esses professores.

Desse modo, vamos encontrando nesses registros a presença de pelo menos dois grupos de professores que consideramos terem alcançado a categoria de intelectuais, tema que delineamos melhor no Capítulo II da dissertação revisitando esses termos embasado em autores como: Silva⁵ (2005), Sigal⁶ (2002), Bauman⁷ (1995), Bourdieu⁸ (1999), Charle⁹ (1990), Badinter¹⁰

⁵ Silva (2005) que, desde a década de 70, desenvolve estudos na Universidade de Paris, privilegia em suas pesquisas as abordagens da história cruzada e transferências culturais, como ela mesma denomina, se aproximando bastante da história cultural, mentalidades e análise foucaultiana, enfocando nas mesmas a história intelectual francesa e, por conseguinte, os intelectuais. Para ela, a figura universal do modelo de intelectual remonta o caso Dreyfus e possui caráter polimorfo, uma vez que muda de acepção no decorrer do tempo histórico. Segundo suas inflexões epistemológicas, as últimas décadas do século XX rompem com o modelo de intelectual construído, desde então, de “mentor” e “profeta político”, por ter abandonado a política e os espaços públicos. De acordo com a sua concepção, o intelectual foi re-convertido à sua nova função de especialista, confinado nas instituições acadêmicas de produção de conhecimento.

⁶ Sigal desenvolve pesquisas sobre o intelectual argentino, recorrendo a vários autores para discutir a categoria do intelectual, e da Intelligentsia, influenciada, sobretudo, pelas concepções de Bourdieu.

⁷ Bauman (1995), partidário da chamada abordagem pós-moderna, considera a categoria intelectual, como possuidora de múltiplos significados e também como sendo um elemento estrutural dentro de uma configuração societal, definido por suas qualidades intrínsecas, por ocupar nele um sistema de dependências que representa a referida configuração e também a reprodução do desenvolvimento desta. Para ele, a análise dessa categoria e das configurações parece estar inseparáveis, unidas por um círculo hermenêutico.

⁸ Para Bourdieu (1999), seguidor de uma abordagem sociológica construtivista estruturalista, privilegiando seus três conceitos fundamentais: campo, habitus e capital, compreende o termo intelectual como sendo um ser bidimensional, que só existe como tal enquanto subsiste, por um lado, a um mundo intelectual autônomo (independente dos poderes religiosos, políticos, econômicos) cujas leis específicas respeitam e, por outro, pela autoridade específica que se elabora neste universo, a favor da autonomia, comprometida com as lutas políticas.

⁹ Charle (1990), desenvolvendo uma abordagem ligada à história comparada social, muito influenciado pelo pensamento de Bourdieu, em sua pesquisa sobre os intelectuais, questiona dentre outras coisas, as razões pelos quais os mesmos emergiram como grupo social e como categoria política, destacando a conjuntura republicana e da democracia na França, que refletia o clima de tensão política vivida nesse contexto, onde estavam em pauta valores tradicionais, nacionalistas, republicanos, em conflito, que separavam os chamados intelectuais de direita e os de esquerda, os quais posicionavam na defesa desses valores de maneira muitas vezes ambíguas, no caso dos pró-Dreyfus e nos contra-Dreyfus.

¹⁰ Filósofa francesa, estudiosa do movimento feminista e do lugar na mulher na sociedade, também pesquisa sobre o pensamento do século XVIII. Bastante influenciada pela história das mentalidades, a autora, em sua obra: *Las pasiones Intelectuales*, volumes I e II, enfoca a história dos intelectuais na França no período dos séculos XVII e XVIII, tendo como fontes as cartas escritas pelos letrados que apresenta nas obras, dentre eles: Diderot, D’Alembert, Voltaire etc. Elucidando que a palavra intelectual foi cunhada, a partir do século XIX, porém, que os seus antecedentes históricos foram a partir dos referidos letrados das luzes.

(2007, 2009), Funes¹¹ (2006), dentre outros. Encontramos professores que ocuparam vários espaços intelectivos na cidade e atuaram na primeira República: Ernesto Dantas Barbosa, Manoel Fernandes de Oliveira e Euclides Abelardo de Souza Dantas, e outros atuantes na Segunda República: o mesmo Euclides Dantas, juntamente com Laudionor de Andrade Brasil e Camillo de Jesus Lima. Ambos os grupos, vão se destacando como professor intelectual: sabem ler e escrever e são quase todos autodidatas que exerceram a profissão de docentes e de jornalistas, nossa dissertação foi composta de quatro capítulos. No primeiro, abordamos o contexto republicano no Brasil, em sua construção e desenvolvimento, enfocando o papel da educação, tanto na Primeira, quanto na Segunda República, trazendo, na primeira parte, o âmbito nacional e, na segunda parte, o âmbito local. Buscamos nesse capítulo identificar no processo de desenvolvimento republicano nas primeiras décadas do século XX, bem como a ascensão gradativa de novos grupos sociais que emergiam na medida em que o sistema capitalista industrial se consolidava, de acordo com as considerações de Florestan Fernandes (2008), pautado na urbanização contínua e progressiva, assim como nos ideais de progresso e de modernização.

Considerando que a partir da República, o quadro de instabilidade social foi agravado e, como primeira saída, foi assegurada à hegemonia política dos chefes locais que, pela manipulação dos eleitores, detinham o voto, para que as elites permanecessem no poder (FERNANDES, 2008, p. 95-100), é que situaremos no trabalho o coronelismo antes e pós-década de 30, bem como a identificação do discurso republicano que tomava a educação como uma condição fundamental para o desenvolvimento da nação, depositando não apenas a esperança de consolidação de um novo regime, como também a regeneração da pátria trazendo por consequência a valorização do professor.

Do contexto nacional, passamos a situar o contexto local de Vitória da Conquista, tendo como principal referência as pesquisas realizadas em âmbito local nos períodos correspondentes à República Oligárquica e o primeiro Governo de Getúlio Vargas, em que o coronelismo foi hegemônico, perdurando inclusive após a década de 50. Identificou-se, dentre as suas singularidades, o fato de que o mandonismo local na cidade era monopolizado por um mesmo grupo de parentela que ocupava todas as instâncias do poder local, oriundo do mesmo tronco familiar que chegava ao seu colonizador João Gonçalves da Costa. Nesses contextos, situamos a educação em Vitória da Conquista.

Feito isso, chegaremos ao segundo capítulo revisitando a nossa categoria de estudo: o professor intelectual, a partir de diversos autores que versam sobre esses dois termos. Destacamos os professores no processo, que tange a profissionalização do magistério e sua valorização que, no começo do século XX no Brasil, trouxe o termo professor, e também o processo de construção do termo intelectual na modernidade, como representante da República das Letras remontando ao caso do general Dreyfus - condenado injustamente pelo Estado francês, provocando uma reação por parte de letrados franceses que publicaram no jornal *L'áurore* o "Manifesto dos Intelectuais", marcando, nos finais do século XIX, o aparecimento do termo intelectual.

¹¹ Patrícia Funes é historiadora e professora da Faculdade de Ciências Sociais na Universidade de Buenos Aires; já proferiu várias palestras no Brasil, algumas na USP e na UFRS. Partindo de influências marxistas, ela realiza pesquisas enfocando os intelectuais latino-americanos na ditadura militar da Argentina no século XX.

Depois relacionamos, no Brasil, o imbricamento dessas duas categorias, definindo a categoria do professor intelectual, inserida no contexto de transformação sócio política econômica e cultural, presente no mundo ocidental, que fez emergir dentro das camadas menos abastadas e médias em construção e ascensão, homens que atuavam coletivamente, ao mesmo tempo, nas áreas do saber, das letras e da política, que pouco a pouco foram adquirindo o seu prestígio e ganhando o seu espaço na sociedade, buscando intervir na realidade concreta, tanto no contexto de revolução ou reforma, em oposição, ou não, aos governos vigentes, sejam eles na Europa, EUA, América Latina, Brasil ou Vitória da Conquista.

E quando consideramos o contexto da República com os discursos políticos que versavam sobre a modernização no Brasil, enfatizando o papel da educação nos mesmos, trazemos a discussão para o local, passando a indagar qual teria sido a memória que nossa sociedade conquistense guardou de todos esses processos sócio-históricos, especificadamente quanto à dimensão da figura do professor como intelectual.

Assim construímos o nosso terceiro capítulo, tomando a categoria memória, como um recurso teórico, e após realizarmos uma revisita aos campos epistemológicos da mesma, a partir do momento em que ela se torna objeto de pesquisas científicas - mais precisamente a partir do século XIX e XX com as pesquisas de Ebbighaus, Bergson, Halbwachs, Bartlett, e outros -, encontraremos nos estudos do professor Celso Pereira de Sá, conforme já mencionamos anteriormente, a definição de memória social - que optamos por dialogar - que seria a memória como uma categoria totalizante possuidora de várias instâncias: memórias pessoais, memórias comuns (que comporta as memórias geracionais), memórias coletivas, memórias histórico-documentais (memória escrita), memórias histórico-orais, memórias públicas etc.

Para Sá (2007b, 2008), essas memórias não seriam excludentes entre si e sim interpenetrariam umas nas outras, podendo, inclusive algumas se transformarem em outras. Dialogaremos com essa compreensão, mas também acrescentaremos a concepção de que os processos de constituição da memória social são inseridos nas contradições presentes e nas relações todo e parte da sociedade concreta.

No último capítulo, analisamos a memória escrita sobre nossos professores intelectuais, por meio das fontes encontradas notícias de jornais, trechos de poesias, de bibliografias locais etc, identificando o processo de interação geracional e de constituição de uma memória coletiva, escrita sobre os professores que compunha os cenários da primeira e da segunda república por meio dos referidos professores.

De um modo geral, procuramos focar nesse trabalho que, dentre os intelectuais republicanos conquistenses que ascendiam socialmente nessa conjuntura, estavam alguns professores, os quais, mesmo com formação escolar mínima, conseguiram, através do autodidatismo, frequentar outros espaços públicos e adquirir o *status* de intelectual, se destacando nos mesmos, seja como poeta, jornalista ou político, sem deixar de ser professor, durante o período em foco (1910-1945). Cabe ressaltar que a maioria deles começou sua carreira como professores, com exceção de Laudionor Brasil, que começou como alfaiate, mas que, já nos finais da década de 20, era auxiliar de ensino.

Os professores do primeiro grupo, no contexto da Primeira República - Ernesto Dantas, Maneca Grosso e Euclides Dantas - mesmo estando envolvidos com questões

políticas locais, em uma cidade cujo mandonismo local era dominante, seja difundindo o ideal progressista de cidade ou dentro da religião, continuaram sendo professores e foram considerados formadores de uma geração, uma vez que o analfabetismo era muito grande e que, até mesmo entre os coronéis detentores de poder e prestígio social, a instrução era mínima, de acordo com Viana (1982). Como o próprio lema republicano implicava em falar bem, escrever bem, ampliar a instrução, os agentes que proporcionariam isso seriam os professores, daí a ascensão social desses, possibilitando, inclusive, que os mesmos estivessem em outros espaços e adquirissem o *status* de intelectuais, ou então o contrário, uma vez que alguns profissionais começaram com a posição de intelectuais e se tornaram, também, professores.

No segundo grupo, observamos, já na conjuntura da Segunda República, que os professores intelectuais que a compuseram - Euclides Dantas, Laudionor Brasil e Camillo de Jesus Lima - utilizavam os espaços jornalísticos e políticos para defender uma escola moderna, valorizar o professor, criar campanhas contra analfabetismo e a favor da construção de escolas, uma vez que a função de intelectual dos mesmos não anulou suas preocupações enquanto professores e a luta em prol de uma educação pública para todos.

Certamente, existiram outros grupos de professores na cidade, porém, o presente estudo visou identificar a categoria professor intelectual em Vitória da Conquista, considerando, inclusive, que havia outros professores que tiveram o *status* de intelectual e adquiriram respaldo na cidade, como, por exemplo: Mário Padre, Padre Palmeira, Eustáquio Blesa, Everardo Públio de Castro etc. No entanto, esses não participavam das agremiações culturais ou ala das letras da cidade - uma de nossas delimitações para o grupo dos professores intelectuais que pretendemos enfocar, ou seja, aqueles que ocuparam, além da sala de aula, os espaços jornalísticos, políticos e poéticos da cidade.

As discussões em torno da memória, pensada na sua perspectiva de recurso teórico de pesquisa, nos possibilitou nortear o nosso objeto de estudo: memória de professores intelectuais como interlocutores do republicanismo na cidade, primeiramente com a revisita a este conceito e depois com a construção do campo da memória dos professores intelectuais.

Quando recompomos estes professores, a partir de uma memória escrita, no período correspondente entre a primeira e segunda república, percebemos que um grande professor no século XIX e nas primeiras décadas do século XX se distinguia, dentre os demais, por apenas saber ler e escrever, alfabetizando bem os alunos. Já, a partir da década de 1930, um grande professor, além de saber ler e escrever, devia possuir conhecimentos gerais e ensinar pelo menos o primário.

Assim, tomamos a categoria de professor intelectual na perspectiva de definir os professores que, além da sala de aula, participavam ativamente e coletivamente das discussões políticas e culturais da conjuntura no qual faziam parte, mas, também, podemos considerar que há possibilidade de identificar a posição intelectual desses professores, na terceira posição de intelectuais apresentada por Gramsci (s/d), como a de difusores de

ideologias¹², uma vez que não criaram ideias novas, nem se tornaram revolucionários e sim interpretavam o que estava sendo construído e discutido nacionalmente e regionalmente, adequando essas ideias à realidade local, o que não deixa de ser importante, uma vez que as especificidades locais modulavam dinâmicas próprias da realidade, dando o caráter singular da cidade em relação às demais. Tudo isso nos permite afirmar que a atuação dos professores intelectuais em Vitória da Conquista não era apenas de mera reprodução.

Cabe ressaltar que o discurso em prol da salvação da nação, por meio da educação, presente na atmosfera de Vitória da Conquista, não era restrito nem à localidade e nem ao país como um todo. Para Funes (2006), a década de 1920, por exemplo, representou o período em que os intelectuais obtiveram como incumbência salvar a nação na América latina. A novidade é que, a partir de então, a nação já não era mais considerada um complemento do Estado, e sim um lugar de condensação das complexidades e contradições sociais, no contexto de uma modernidade incipiente e eclética, mas também perceptível. E esse quadro refletiu nos professores intelectuais conquistenses, uma vez que estava presente por todo o país.

O autodidatismo foi uma marca na formação dos mesmos, até pelo menos a década de 1940 e 1950. Levantando dados sobre os professores que lecionaram no período correspondente à primeira e segunda república, constatamos isso, na medida em que verificávamos, por meio das fontes escritas, que a maioria dos professores que tiveram destaque na cidade, sendo considerados intelectuais, apesar de possuírem pouca ou nenhuma formação escolar, fizeram carreira em outros espaços além da sala de aula, se destacando na área das letras, da oratória e do jornalismo e adquirindo grande prestígio social. Considerando que a maioria da população era, em sua maioria, analfabeta, o mínimo de capital cultural adquirido por esses sujeitos já se tornava um diferencial e os colocava numa condição privilegiada e de grande relevância, perante a sociedade.

A partir das notícias de jornais e também de outros registros, podemos considerar os professores intelectuais conquistenses, nos espaços já escolhidos por nós, como sendo aqueles que discutiram a educação na cidade, sendo então os mediadores das ideias que circulavam em nível nacional, difundindo, mesmo em suas contradições - além da modernização do ensino e fim do analfabetismo - o lema republicano de ordem e de progresso, de exaltação da nação e da moral cívica, tanto a Primeira República quanto a Segunda os unia nesse ideal.

Tanto Ernesto Dantas, quanto Euclides Dantas, Laudionor Brasil e Camillo de Jesus Lima, não vinham de famílias tradicionais, e sim de uma camada menos abastada, que os faziam declararem-se “proletários”. Embora estivessem ligados diretamente aos coronéis locais que monopolizavam o poder da cidade, representavam novos grupos

¹² Concepção ideológica do presente estudo, parte da concepção marxista de que as ideologias aparecem quando a divisão do trabalho separa trabalho manual ou material de intelectual, gerando as contradições e divisão de classes, conforme conceitua Cury: “A noção de ideologia existente na sociedade de classes implica na elaboração de um discurso pretensamente universal que ao identificar a realidade com aquilo que as classes dominantes dizem que é, ocultam as contradições, subjagam e tomam o lugar das representações opostas as suas. As representações da classe dominante necessariamente se tornam particulares porque os interesses de classe, a levam a dissimular a essência contraditória da relação. Desta maneira, a classe dominante, visando assegurar uma unidade ideológica dentro do sistema social, impede à classe dominada a tomada de consciência reveladora das contradições”. (CURY, 1984, p. 3 e 4).

sociais (o dos profissionais liberais), que iam gradativamente adquirindo respaldo e ocupando espaços juntamente com os mandões locais, o que já configurava uma mudança, a partir da conjuntura republicana. Tais situações nos permitem inferir que eles tiveram participação ativa também na construção das memórias sociais da cidade, juntamente com os grupos dominantes.

Após o registro de todas as informações que consideramos pertinentes de serem mencionadas, extraídas das fontes que apresentamos, buscamos identificar e analisar a memória desses professores como homens, frutos de seu tempo, com suas atuações decorrentes das transformações ocorridas em um dado período histórico, das experiências vividas e compartilhadas dentro dos grupos que pertenciam, sejam na família, no trabalho, nas crenças, nos ideais etc., que os incluía no perfil de uma sociedade em transformação.

Mesmo, com as singularidades, inclusive geracionais, de cada um, eles não eram sujeitos isolados da realidade maior que faziam parte, pois seus posicionamentos eram conectados aos acontecimentos e aos grupos nos quais estavam inseridos. É importante ressaltar que o destaque desses professores na cidade, como intelectuais, não era uma particularidade local. Nos âmbitos regional e nacional, temos exemplos, como Olavo Bilac, Cecília Meirelles, Mário de Andrade, Carlos Chiaccio, dentre outros, que se destacaram, principalmente, na conjuntura dos anos 30 a 50, como também mediadores da República que se efetivava, sendo todos eles professores, jornalistas, políticos e poetas.

Também é importante enfatizar que na busca pela memória coletiva desse grupo de professores, compreendemos que eles tiveram participação considerável na construção da memória social da cidade. Colaboraram com a difusão de que Conquista é o berço do progresso e da intelectualidade, se apoiando nos discursos republicanos do contexto de exaltação da pátria e propagação do progresso, que, conforme já mencionamos, não era uma particularidade local.

O que é explicável pela conjuntura do período, na Vitória da Conquista do século XIX, é a prioridade das instâncias de poder, para a criação de estradas, iluminação pública, ampliação da cidade etc., conforme já vimos, enquanto que, na década de 30, era para a criação de escolas, ampliação do comércio, urbanização etc. Todos frutos das transformações ocorridas em âmbito nacional.

Era comum nos dois grupos de professores estudados, apesar dos contextos distintos, o ideal republicano, os espaços que ocupavam na imprensa, na política e na cultura (através de seus escritos), e *status* que possuíam perante a sociedade, lembrando que todos eram autodidatas, e considerados grandes intelectuais. A variabilidade individual consistia em que, mesmo formando um único grupo dentro de um mesmo partido político, havia momentos em que cada um caminhava em sentido diferente - eram todos republicanos, mas enquanto um idolatrava a figura de Vargas, como Laudionor Brasil, o outro admirava a de Prestes, como Camillo de Jesus Lima; um era mais pacífico nas críticas veiculadas nos jornais, como Ernesto Dantas, o outro mais agressivo, como Maneca Grosso; e ainda tinha Euclides Dantas que, de todos, foi o que mais proferiu discursos exaltando as figuras locais e a cidade, tanto que era considerado o orador oficial dos momentos cívicos conquistenses, e o escolhido para compor o hino de Conquista.

A partir do cotejamento e análise dos dados, a cerca dos referidos professores à luz da memória, constatamos, que as memórias escritas que nos dispomos a analisar, apresentam os mesmos de maneira muito positiva, quase heróica, algumas vezes endeusados, considerando que eles permanecem na memória da cidade como sendo grandes homens, pela intelectualidade, funções que ocupavam na sociedade, como também por terem sido homens que estiveram do lado político “certo”, ou seja, do lado do poder dominante. Isso nos permite considerar que, enquanto interlocutores do republicanismo que se efetivava na cidade - numa conjuntura em que várias correntes ideológicas estavam presentes por todo o país, das mais tradicionais, as mais radicais -, eles se posicionaram a favor da República, defendida pelos interesses de uma elite local e nacional, e/ou de uma camada média que ascendia se imbricando com a elite tradicional, sendo por sua vez portadores dos ideais liberais, positivistas, pelo menos no contexto de 1910 até 1945. Tudo isso foi nos permitido ver através da memória escrita em que esses professores intelectuais permanecem exaltados.

Nessa perspectiva, também podemos observar que em um dado momento da história, os professores de primeiras letras e/ou primário possuíam *status* e se tornaram referências na memória social. Quando se destacavam, eram reconhecidos como homens eminentes, intelectuais de uma época - e que ainda permanecem -, apesar de hoje a imagem do professor se encontrar cada vez mais dilacerada.

Enfim, chegamos até aqui, ainda com lacunas a serem respondidas e pesquisadas, e com a perspectiva de dar continuidade a essa temática, considerando que as fontes escritas encontradas nos possibilitam outros levantamentos correspondentes aos professores intelectuais conquistenses, a serem aprofundadas no decorrer da pesquisa.

Referências

- ARÓSTEGUI, Julio: Historia del Presente e interacción generacional, In: **La historia vivida**. Sobre la historia del presente, Madrid, Alianza, 2004.
- BADINTER, Elisabeth. **Las pasiones intelectuales: deseos de gloria (1735-1751)**. Buenos Aires: Fondo de Cultura económica, 2007. Vol I.
- _____. **Las pasiones intelectuales: Exigencia de dignidad (1751-1762)**. Buenos Aires: Fondo de Cultura económica, 2009. Vol II.
- BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes: sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales**. Buenos Aires: Universidad Nacional del Quilmes, 1995.
- BORDIEU, Pierre. **Intelectuales, política e poder**. Buenos Aires: Universidad de Buenos Aires, 1999.
- CHARLE, Christophe. **O nacimiento de los “intelectuales”: 1880-1900**. Buenos Aires: nueva visión, 1990.
- CURY, Carlos R. Jamil. **Ideologia e Educação Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1984. Autores Associados (coleção educação).

FERNANDES, Florestan. **Mudanças sociais no Brasil**: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira. 4 ed. São Paulo: Global, 2008.

FUNES, Patrícia. **Salvar la nación**: intelectuales, cultura y politica en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: prometeo libros, 2006.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a formação da cultura**. São Paulo: Circulo do Livro, s/d.

MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. Educação, História e Memória: uma aproximação do estudo geracional. In: **Revista HISTEDBR on line**. Campinas: UNICAMP, 2007. n.º 28.

SÁ, Celso Pereira de. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. In: **Revista Psicologia Reflexão e Crítica**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2007a. V. 20. Disponível em < www.scielo.br/prc>. Acesso em julho de 2008.

_____. Sobre a psicologia social no Brasil, entre memórias históricas e pessoais. In: **Psicologia & Sociedade**. Florianópolis/SC: Associação Brasileira de Psicologia Social, 2007b.

_____; CASTRO, Ricardo Vieiralves de; MOLLER, Renato Cesar and PEREZ, Juliana Aieta. A memória histórica de Getúlio Vargas e o Palácio do Catete. In: **Estudos de psicológicoal**. Natal: online, 2008. Vol.13, n.1, pp. 49-56. ISSN 1413-294X.

SIGAL, Silvia. **Intelectuales y poder em Argentina**: La década del sesenta. s/l: Siglo veintiuno de Argentina editores, 2002.

SILVA, Helenice Rodrigues. O intelectual no campo cultural francês: do caso Dreyfus aos tempos atuais. In: **Varia História**: Belo Horizonte, 2005.

Recebido em julho de 2010
Aprovado em outubro de 2010